



TOXICOMANIA E PSICANÁLISE: REFLEXÕES SOBRE A TOXICOMANIA A PARTIR DA ANÁLISE DA SÉRIE “DOM”

Carolina Vallinoto da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8066-4645>.

E-mail: carolvallinotoc@gmail.com.

Patrícia do Socorro Nunes Pereira Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8858-2188>.

E-mail: patnunespereira@yahoo.com.br.

Resumo: O artigo aborda a toxicomania pelo viés psicanalítico. As autoras propõem uma dialética entre as clínicas clássicas e contemporâneas como uma maneira de analisar o fenômeno que vem crescendo exponencialmente, considerando a relação de gozo que o sujeito mantém com a droga e a tentativa de romper com o gozo fálico, aquilo que move a relação entre o toxicômano e o Outro (droga). Dispondo do aporte artístico para elucidar os conceitos aqui apresentados, utiliza-se a série “DOM”, dirigida por Breno Silveira, que mostra o cotidiano de um sujeito toxicômano em suas diversas vivências. Exemplifica-se, pois, que o toxicômano é aquele que evita se deparar com seus conflitos, se mantendo “calado” e indo buscar na droga um refúgio contra a angústia da falta.

Palavras-chave: Drogadição. Toxicomania. Psicanálise.

DRUG ADDICTION AND PSYCHOANALYSIS: REFLECTIONS ON TOXICOMANIA FROM THE ANALYSIS OF THE SERIES “DOM”

Abstract: The article addresses drug addiction from a psychoanalytic perspective. The authors propose a dialectic between classical and contemporary clinics as a way of analyzing the phenomenon that has been growing exponentially, considering the relationship of enjoyment that the subject maintains with the drug and the attempt to break with phallic enjoyment, what moves the relationship between the drug addict and the Other (drug). Providing artistic support to elucidate the concepts presented here, the “DOM” series, directed by Breno Silveira, is used, which shows the daily life of a drug addict in his various experiences. It is, therefore, an example that a drug addict is one who avoids facing his conflicts, remaining “silent” and seeking refuge in drugs against the anguish of lack.

Keywords: Drug addiction. Toxicomania. Psychoanalysis.

Introdução

“[...] toda pulsão é virtualmente pulsão de morte”

(LACAN, 1964/1998, p. 863).

Com foco na singularidade de cada sujeito e na atualidade das discussões a respeito dos modos contemporâneos de lidar com a dor e os conflitos da vida, o presente escrito busca trazer reflexões acerca dos desdobramentos que o sujeito pode estabelecer com as drogas, a partir do ponto de vista da teoria psicanalítica. Quando se escuta sobre a temática da dependência química, os primeiros discursos que nos vem em mente são o científico/médico e o policial/jurídico, nos quais se colocam o peso dessa problemática unicamente na substância droga e na atitude de buscá-la. Esquece-se, pois, que para além desses fatores, há um sujeito com sua história e um funcionamento psíquico singular.

O movimento psicanalítico busca questionar essa patologização do funcionamento adicto, desviando do olhar reducionista e biológico que dá enfoque à droga enquanto único agente responsável pela dependência química. Le Poulichet (1990) discorre sobre a temática, pontuando que o tóxico não é a droga em si, mas a relação do sujeito com essas substâncias e o lugar elas ocupam na sua relação com o Outro.

Conforme os autores Macary-Garipuy e Victoria (2016) dizem, “muito diferentes são as práticas toxicomânicas do lado da neurose, psicose e perversão. Dentro de cada uma das estruturas fundamentais, há também uma diferença no que há para cada um a ser tratado”¹ (MACARY-GARIPUY; VICTORIA, 2016, p. 63, tradução nossa). Em outras palavras, há uma diferença no que diz respeito à busca e ao uso de drogas dentro das estruturas (neurose, psicose e perversão). Em cada uma, há também diferenças no que diz respeito ao sintoma a ser cuidado, tornando nítido que não há um padrão de uso e de usuário, podendo estar sujeito ao uso problemático dessas substâncias qualquer um que a busque.

Para melhor entendimento, ressalta-se que o conceito de pulsão, intitulado por Freud em *As pulsões e seus destinos* (1915/2013), como a “fronteira” entre o corpo e o aparelho psíquico,

¹ No original: “Forts diferentes sont les pratiques toxicomanes du côté de la névrose, de psychose ou de la perversion. Ajoutons qu’à l’intérieur de chacune des structures fondamentales, diverge aussi ce qu’il y a pour chacun, à traiter”.

é fundamental para entender o funcionamento do sujeito toxicômano. Segundo o autor: “A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma *força constante*. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela” (FREUD, 1915/2013, p. 19, grifo do autor).

Dito de outro modo, não há como escapar da linguagem do inconsciente, uma vez que a pulsão é o representante psíquico de uma fonte endossomática de excitação, não havendo uma forma específica para a descarga dessas excitações. Mas quando se trata do funcionamento toxicômano, há um “curto-circuito” no escoar das pulsões, pois dentro dessa dinâmica “o sujeito nesse estado acaba por des-significar esse limite entre o corpo e a linguagem [...] deixando que o real se construa a partir de um imaginário, mas sem o apoio da simbolização” (NOGUEIRA FILHO, 1999, p. 51). Ou seja, isso faz do toxicômano um escravo do prazer, mas um prazer cru e sem nenhuma marca do simbólico.

Para discussão da temática do ponto de vista das vivências dos usuários, utiliza-se a série “DOM”², dirigida por Breno Silveira. A partir das cenas do personagem principal, usuário de drogas e estruturado como neurótico, se discorre sobre a concepção de toxicomania definida pela psicanálise. Utiliza-se aqui o método psicanalítico de pesquisa, em que uma releitura de conceitos psicanalíticos é aplicada para análise clínica de determinado contexto, pois na psicanálise a teoria não se separa da prática (NOGUEIRA, 2004).

A interlocução entre psicanálise e arte torna-se um encontro possível e rico de significações, como o próprio Freud valorizava. Filmes e séries constituem-se recursos a partir dos quais a psicanálise pode, como na *Interpretação dos Sonhos* (1900), analisar os personagens em seus conteúdos manifestos e latentes, representando a dinâmica do inconsciente.

A série em questão é baseada em fatos e traz como personagem principal Pedro Dantas, interpretado por Gabriel Leone, um jovem de classe média que desde os nove anos se envolve com o uso e o vício em drogas, especificamente a cocaína, como meio de fugir de seus sofrimentos. Ao longo de sua trajetória, se torna um dos maiores assaltantes de condomínio de luxo do Rio de Janeiro.

No caso da personagem, a busca da droga sempre se dava em situações em que ele não conseguia suportar uma lembrança carregada de afetos. Isso faz com que o telespectador

² Atualmente a série possui mais duas temporadas.

entenda os meios utilizados por ele para lidar com os seus problemas, sendo a droga apresentada como a única saída. Sendo assim, questiona-se: como a visão psicanalítica vem colaborar para o entendimento da clínica contemporânea da toxicomania?

Para tanto, os tópicos desse trabalho irão apresentar a ideia central deste ensaio, fazendo uma passagem pela questão da adicção e a toxicomania associadas ao *pharmakon*, onde autores como Gérard Pirlot e Pierre Fedida auxiliam na construção do pensamento que perpassa essas questões. Seguindo para uma breve apresentação da série, até os tópicos finais, onde articula-se a teoria com as cenas a partir do estudo de autores como Jacques Lacan, Freud e Durval Manzei.

Adicção, toxicomania e o *Pharmakon*

Freud, no texto *O mal-estar na civilização* (1930), aponta que para conseguir suportar a vida na sua totalidade, é necessário utilizar meios paliativos para acalantar a dor do dia a dia, ressaltando, contudo, que jamais se consegue estabilizar o prazer com esses métodos, tendo em vista que as realizações do princípio de prazer³ não respondem ao padrão universal. Todavia, o autor chama a atenção para o potencial das substâncias tóxicas:

O método mais cru, mas também mais eficaz de exercer tal influência é o químico, a intoxicação. Não creio que alguém penetre inteiramente no seu mecanismo, mas é fato que há substâncias de fora do corpo que, uma vez presentes no sangue e nos tecidos, produzem em nós sensações imediatas de prazer, e também mudam de tal forma as condições de nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de acolher impulsos desprazerosos (FREUD, 1930, p. 32-33).

A partir dessa ideia, nota-se como as drogas são poderosas em afastar o desprazer, pois incidem do externo para apaziguar o interno, trazendo uma instantaneidade para àquilo que precisa de simbolização. Posto isso, acentua-se o êxito que as substâncias psicoativas têm frente ao sofrimento; todavia, por vir do exterior, apresenta-se como um Outro regulador, possibilitando o sujeito a entrar em uma relação com esses objetos da cultura.

A adicção, segundo Pirlot (2014), é um ato que abrange as condutas de toxicomania e todas as outras que envolvem uma dependência, com ou sem substância tóxica. Em outras palavras, o sujeito adicto é aquele que se serve do vício, não sendo necessariamente em drogas

³ Princípio de Prazer é a representação da força motriz do Isso, o que move os desejos inconscientes. O termo foi proferido em 1920, no seu celebre texto *Além do princípio de prazer*.

psicoativas. Portanto, defende-se que toxicomania é um tipo de adicção, sendo caracterizada pelo uso exclusivo de uma ou mais substâncias psicoativas, fazendo com que o usuário não consiga suportar viver com a falta de determinada substância, gerando dependência química.

Então, se adicção não envolve diretamente alguma substância química, partimos da perspectiva de que o usuário “faz” a droga e não ao contrário. Temos como ponto principal para essa questão o *pharmakon*, termo que Jacques Derrida⁴ utilizou em seu texto intitulado *A farmácia de Platão* (1968). Nele essa palavra assume um papel ambíguo: remédio/veneno. No caso das drogas, a roupagem de *pharmakon* pode levar uma determinada substância a ser considerada um remédio ou, em certas dosagens e manejos, um veneno.

Por esse viés, o vício pode estar junto a qualquer prática prazerosa, a questão em si estaria na maneira pela qual o sujeito investe nesses objetos. Sendo assim, concordamos quando Pierre Fédida (1998) discorre sobre o assunto:

Mas quanto ao *pharmakon*, não é preciso hesitar em complicar ainda mais o pensamento sobre ele. Pois se está claro que a doença pertence, em seus movimentos e sintomas, às lógicas singulares de um ser vivo e se, diferentemente de Deus, este ser vivo exposto ao exterior é necessariamente alérgico (“Deus não tem alergia”), inscrevendo assim sua mortalidade como um tempo no qual o terapeuta observa e compreende o que acontece a um humano, convém, principalmente, evitar opor um exterior mau (necessariamente *pharmakon*) a um interior absolutamente bom que, por si só, poderia de maneira catártica e depurativa se livrar metabolicamente dos elementos estrangeiros que o ameaçam em sua vida (FÉDIDA, 1998, p. 38).

Para o autor, se uma pessoa está psiquicamente doente e utiliza alguma substância, no caso algum *pharmakon* para “curar-se”, há chances desse produto agravar o quadro, pois a utilização sem a ajuda interna do sujeito (subjetivo) é só um meio de se “envenenar”. O uso dessas substâncias acaba por “anular o psíquico a título de sintoma, e agindo assim, poderia atacar, ao mesmo tempo, a chave daquilo que chamamos de psíquico” (FÉDIDA, 1998, p. 31).

Em outras palavras, quando o sujeito busca se drogar estando em um estado de angústia, ele consegue sanar de fato aquilo que lhe incomoda, mas, em contrapartida, ele também retira de si próprio as forças psíquicas necessárias para encontrar em si aquilo que poderia dar algum sentido ao seu sofrimento, ou seja, suas maneiras de simbolizar o que retorna como insuportável.

⁴ Jacques Derrida foi um filósofo do século XX, sendo o criador da teoria da desconstrução, divulgada inicialmente nos anos 60. Essa uma metodologia propõe uma análise particular dos textos.

No caso das toxicomanias, o que se mostra comprometido é justamente o que há de psíquico em si. O uso de drogas escapa da simbologia da linguagem. Nogueira Filho (1999) diz que o sujeito toxicômano reduplica a alienação que a linguagem impõe para ele, ou seja, é um sujeito que renuncia o jogo da linguagem e da simbolização, buscando um modo de se relacionar com o mundo e um saber que sobrepõe a palavra em segundo plano.

Diferentemente da estruturação na psicose, onde há uma forclusão, o toxicômano, quando neurótico, encontra um meio de funcionamento onde o encontro com o Outro da linguagem é posto de lado, em uma tentativa de negar a castração simbólica que teve, sendo aquele que encontrou na droga um meio para o prazer, aniquilando suas dores. Porém, ao passar o tempo, esse prazer acaba por aniquilar a própria possibilidade do prazer.

Apesar disso, não se pode desconsiderar a droga como algo químico que incide de fora do corpo para dentro, e faz com que as sensações sejam literalmente reais. É algo que invade e faz surtir um efeito orgânico que produz algum tipo de significado e modifica o funcionamento comum do corpo. Por isso, é de suma importância a multidisciplinaridade entre a psicanálise e a medicina para seguir na dinâmica do tratamento, mas o que é posto como ponto principal da problemática ainda é a visão estritamente fisiológica, biológica e química na maneira de olhar para esse fenômeno.

Nogueira Filho (1999) alerta que atualmente há um certo estreitamento das alternativas de estudo e práticas oferecidas para os analistas e os pacientes que buscam se aprofundar no tema da toxicomania, fazendo com que o discurso científico-biológico se sobressaia. Por ora, sua prevalência acaba excluindo a parte subjetiva e singular — a linguagem, o imaginário, as pulsões e o simbólico — e, com isso, acaba-se “mecanizando” os sujeitos adictos.

Geralmente, o que ocorre é mais uma substituição da droga por fármacos, um tipo de droga socialmente aceita, com a intenção de disciplinar o indivíduo toxicômano. A exemplo deste último, trazemos aqui as muitas comunidades terapêuticas⁵ (muitas vezes, de cunho religioso) que propagam a toxicomania como uma doença orgânica, esquecendo da história do sujeito. Toma-se, pois, ele apenas como um corpo orgânico, sem história. Apenas um “drogado”.

⁵ Comunidades terapêuticas são instituições que prestam serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas (SPA), em regime de residência.

Uma breve apresentação da série “DOM”

Esta série é baseada em acontecimentos reais, dividida em oito episódios de 1 hora cada e conta a história de Victor Dantas, interpretado por Flávio Tolezani e Filipe Bragança, bem como seu filho Pedro Dantas (Dom), interpretado por Gabriel Leone. De um lado está Victor, um policial civil que lutou durante toda a sua vida profissional na guerra contra as drogas, especificamente a cocaína. E do outro lado seu filho, Pedro, um dependente químico movido pela paixão ao vício, e que acabou se tornando um dos maiores assaltantes de apartamentos de luxo do Rio de Janeiro, sendo conhecido nas manchetes da época como o “bandido gato”.

O drama retrata os dois lados de uma mesma moeda — as drogas. De um lado, Victor e suas motivações, desde a juventude, que o conduziram ao trabalho no combate ao tráfico de drogas; e, do outro, a vida de Pedro e os impulsos na busca pelas drogas, especificamente a cocaína, presente em sua rotina desde os seus nove anos.

Victor Dantas foi um jovem mergulhador que, por suas habilidades, acabou sendo convocado pela polícia civil para atuar nos chamados “anos de chumbo” da ditadura militar. A partir de então passou sua vida focado em acabar com o tráfico no Rio de Janeiro, trabalhando e entregando-se totalmente ao emprego e, conseqüentemente, ausentando-se da família, o que culminou em um divórcio.

Marisa, interpretada por Laila Grain, mãe de Pedro, conheceu Victor durante a juventude, tiveram um relacionamento que terminou em um casamento. Com o nascimento de Pedro e de sua irmã, a dinâmica passou a ser outra, contudo, Victor ainda mantinha a sua rotina de trabalhos, ausentando-se do convívio de sua casa. Por toda ausência e brigas geradas pela posição de Victor no trabalho, Marisa optou pela separação, evento que marcou a trajetória de Pedro, que, após os quatro anos, passou a demonstrar certa rebeldia frente aos ditos de sua mãe.

Apesar de todo o seu esforço para manter uma boa relação com Pedro, que com o passar dos anos já estava cada vez mais envolvido com atos de delinquência, com furtos em lojas de brinquedos e pichações públicas, Marisa decidiu levá-lo para morar com o pai. Com a ausência do pai em função do trabalho, Pedro passou a ficar mais tempo em seus “rolés”, ou sozinho em casa. Desde então, a luta contra a delinquência e o uso de drogas se iniciou. Durante a trajetória de Pedro, então, é revelado como que, apesar de ter a presença física, a falta da presença afetiva e de uma figura paterna mais ativa se tornou prejudicial para a vida dele e, por conseguinte, a de sua irmã.

A busca pelo pó, as condutas arriscadas e a associação de cenas entre lembranças do passado e o presente fazem o telespectador entender o personagem, que muitas vezes deixa a mensagem de que tais condutas servem como uma forma dele lidar com seus afetos. Mostra-se, portanto, que em uma família disfuncional as brigas incessantes dos pais, a falta de um suporte emocional e a carência de atenção fazem do personagem uma “bomba-relógio” que a qualquer momento pode “explodir”, deixando-o sempre à deriva de seu comportamento impulsivo.

Entre lembranças da infância e uso de drogas no presente do personagem, a produção se constrói a partir da associação entre suas reminiscências carregadas de afetos negativos, momentos de risco e uso problemático de drogas, sugerindo haver uma falta de afeto e um desamparo que faz com que Pedro busque no ato de se drogar algo para acalantar essas lembranças carregadas de emoções não elaboradas.

A paixão pelo tóxico

Para nos aprofundarmos sobre a questão da toxicomania, pontuamos o desenvolvimento seguido sobre o tema nas teorizações psicanalíticas, visto que nos primórdios da Psicanálise, os termos “adição” e “toxicomania” não existiam e, por conseguinte, seus estudos eram ainda inexistentes.

Para Pirlot (2009/2014), a toxicomania é um ato de paixão e um superinvestimento do Eu a um determinado objeto, no caso a droga. A palavra paixão, vem de *páthos*, palavra grega que designa assujeitamento. Para explicar a analogia à paixão, o autor constata que o termo “adição” e “toxicomania” não são encontrados na obra original freudiana, então ele nos traz questões a respeito da arqueologia das ideias que circundam essas palavras.

O autor pontua que no texto *Tratamento psíquico* (1890), de Freud, os termos “*krankenhaften gewohnheiten*”, que traduzidos significam “hábitos mórbidos”, designam as práticas do alcoolismo, do uso de morfina e das aberrações sexuais. Seguindo nessa linha, Pirlot (2009/2014) continua a analisar o trabalho de Freud e nos leva para a carta de 22 de dezembro de 1897, escrevia a Fliess, segundo a qual “a masturbação, o único grande hábito, a necessidade primitiva da qual todos os apetites, como a necessidade de álcool, de morfina, de tabaco, não passam de substitutivos, são os produtos de substituição [...]” (FREUD, 1897 *apud* PIRLOT, 2014, p. 63).

A partir do texto citado, evidencia-se o conceito de “necessidade primitiva” que, em alemão, encontra-se como “*ursucht*” e que, ao ser traduzido por Fine (1996), ganha o significado de “adicação originária”. Assim como a derivação do termo, escrito como *Die sucht* que, ao ser traduzido para o francês, se estabeleceu como *passion*. Então, a partir dessas constatações, se confirma que o ato de se intoxicar é da ordem do habitual, de uma necessidade na qual o sujeito que está dentro desse funcionamento volte seus desejos unicamente para esses objetos, no caso as drogas, sendo análogo a uma forma de paixão/assujeitamento.

Para elaborar a questão da analogia do uso à paixão, ressalta-se a própria palavra paixão, que vem do grego *páthos*, significando assujeitamento. No caso, as drogas ocupam um lugar de superinvestimento do Eu. Uma vez que este produto ocupa a representação de um *gadget*, como um resultado do discurso da ciência, sendo essa coisa que vem de fora e que “torna possível uma certa relação com o gozo do corpo. Essa formulação caracteriza o uso da droga como uma técnica do corpo correlata com o mais-de-gozar que se extrai em função da estratégia cínica de neutralização dos efeitos do Outro.” (SANTIAGO, 2017, p. 189).

Essa posição de sujeição que o sujeito propõe à droga faz com que haja uma tentativa de romper com o Outro, com o desejo fálico. Tomemos como exemplo a primeira cena de uso, que mostra o Pedro em uma festa se divertindo e flertando. Em dado momento, o personagem decide ficar com uma mulher e ambos decidem ir para um lugar mais reservado para realizarem o sexo, todavia, o ato só inicia a partir do momento em que Pedro utiliza a droga em meio a lembranças que se presentificam em formas de *flashes*. Após o consumo o ato começa.

Cenas como essa se repetem na série, deixando a entender que em qualquer relação de puro prazer seria necessária a presença da droga. Demonstra-se que o sujeito toxicômano mantém uma relação análoga à paixão, sendo tal qual a um afeto intenso. Há um superinvestimento a determinada substância, no caso do personagem a cocaína, levando-o a uma carência de sentido e a um sofrimento profundo durante suas vivências sem a droga.

Toxicomania: gozo e a carência do Fantasma

Segundo Santiago (2001), o termo toxicomania foi proferido pela primeira vez pela psiquiatria, em meados do século XIX, para designar atos de mania e tendências impulsivas. Para tanto, o mesmo autor nos traz, que do ponto de vista psicanalítico, a toxicomania é um

efeito do discurso, rompendo com o paradigma inicial postulado pelo campo da saúde mental, onde não haveria um sujeito em cena.

Partindo dessa perspectiva discursiva, entende-se que nenhuma parte da realidade, seja inebriante ou não, se sustenta por si só, ou seja, é indissociável à mediação da realidade com a estrutura da linguagem. A partir disso, entramos no campo do sujeito do inconsciente, pois a relação entre o discurso e a realidade perpassa essa esfera psíquica a partir de uma relação que, no final das contas, busca o prazer.

Ao retomar por alto o dito nos tópicos anteriores deste trabalho, lembramos que Freud não chegou a postular algo propriamente dito sobre as adições, apenas comentou sobre os atos de intoxicação, como um meio paliativo de se livrar das dores do cotidiano. Foi só a partir dos estudos de Lacan que se obtiveram as primeiras teorizações e referências a respeito da relação de prazer e desprazer nas relações com os objetos.

Ressaltando a relação do sujeito com a droga e não do sujeito toxicômano em si, Lacan fez algumas referências ao longo de seus seminários sobre a questão da toxicomania, sendo as primeiras com o enfoque na separação do sujeito perante o Outro (TOTÓLI; MARCOS, 2017).

[...] estas três primeiras referências constituem um conjunto muito preciso, definem um tipo de resposta do sujeito perante o reconhecimento da existência do inconsciente. Sobre a toxicomania, cabe concluir que a intoxicação em todas as suas formas é uma resposta não sintomática que tenta anular a divisão do sujeito, a marca de uma posição subjetiva caracterizada por um “não querer saber nada do inconsciente” (aspas do autor). É uma eleição entre a afânise e o significante e o sujeito opta pela primeira (FREDA, 2005 *apud* TOTÓLI; MARCOS, 2017, p. 127).

Então, a toxicomania é “uma evidência de que a metáfora do sintoma não se constitui como função generalizável a toda psicanálise, já que não se configura portadora de uma mensagem oriunda do retorno do recaiado” (SANTIAGO, 2001, p. 11). Portanto, o que está em cena é uma relação a partir de um certo modo de gozo, representado por Lacan a partir do nó borromeano, como sendo uma parte ininterpretável do sintoma. No seminário *Le non-dupes errent* (1973–1974), no qual Lacan apresenta a clínica dos enodamentos. O psicanalista francês faz uma proporção dos três registros — real, simbólico e imaginário — e “assinala o final da concepção do inconsciente centrada no império do significante” (TOTÓLI; MARCOS, 2017, p. 128).

A partir daí, caracteriza-se a função separadora que a droga exerce no sentido de que o sujeito toxicômano não se deixa seduzir pela falta, pelo gozo fálico⁶, pelo sexual, mas se guia por um gozo concreto que a droga proporciona no corpo, fazendo com que qualquer sensação de angústia seja vivida de maneira insuportável, da ordem do real, que escapa a elaboração psíquica que a castração gera perante a falta. Isso faz com que a toxicomania seja “para a psicanálise, um significante identificatório do sujeito” (TOTÓLI; MARCOS, 2017, p. 129), pois uma vez identificados com a droga, não há espaço para advir o sujeito do inconsciente com suas possibilidades de significações.

A toxicomania para a psicanálise está articulada com o discurso do sujeito, sendo essa uma resposta não sintomática, escapando da simbolização. O toxicômano é aquele que tenta escapar do sintoma neurótico e se prende ao seu próprio gozo como uma maneira de tentar anular a divisão do sujeito pela castração. Uma identificação com o significante “toxicômano” gera um discurso que faz com que o sujeito não sustente o laço social que a relação com o Outro possibilita.

É a partir do direcionamento da palavra que o sujeito faz laços sociais. A partir da linguagem endereçada a um outro que o sujeito se reconhece e reconhece esse Outro. Então, em seu *Seminário 11* (1964/1998), Lacan vai trazer a operação psíquica e a posição que o sujeito ocupa perante esse Outro, sendo ela gerada a partir dos processos de alienação e separação.

Alienação é a primeira etapa da operação. Onde o sujeito primeiro se aliena ao Outro a partir de uma identificação primária, para poder se separar em um segundo momento de constituição. Na separação, a relação do sujeito com o Outro é através da incidência da falta, da percepção de que esse Outro também é castrado. Em outras palavras, o sujeito alienado é aquele que se identifica com o Outro, este que está cheio de significantes, e, em contrapartida, essa identificação conduz a percepção de que ele é permeado pela falta, que gera desejo e move o sujeito.

Se o toxicômano é aquele que tenta não reconhecer a castração e que o seu discurso é pautado no real, pontua-se que, diferentemente da psicose, onde há a forclusão do Nome-do-Pai, na toxicomania o sujeito reconhece a lei paterna, mas escolhe não a aceitar. Fazendo com

⁶ Gozo fálico é o gozo que não é do corpo, é gozo que não encontra representação, mas se determina pelo significante e se manifesta acrescido ao gozo do corpo. Sendo assim, o gozo fálico é aquele acessível ao sujeito a partir da interdição da Lei.

que qualquer sinal de angústia perante uma falta no Outro se torne insuportável, pois o gozo que ele busca é um mais-de-gozar⁷ pleno, que só se encontra no seu próprio corpo com a droga. Então, a droga é algo que vem de fora e traz consigo efeitos de completude. Isso faz com que o sujeito não se guie pelo Outro, sendo cínico ao desejo do Outro, gozando cnicamente com o seu próprio desejo.

Uma das características na dinâmica toxicomaniaca é o gozo que esses sujeitos têm para com o Outro. Então, para abordarmos a questão gozo, pontuamos que nas teorizações a respeito do tema é utilizada a nomenclatura de “gozo cínico.” O cínico é “aquele que goza à revelia do corpo do Outro” (LEMOS, 2004, p. 53). Então o toxicômano é aquele que perante o Outro escolhe a si e goza por não precisar do Outro para gozar, é um mais-de-gozar absoluto que não entra na cadeia de simbolizações, deixando-o à beira de um abismo de si próprio.

O toxicômano é aquele que recusa o gozo fálico, sustentando comumente as relações. Esse sujeito que não se remete ao gozo universal da civilização, recusando-se participar dessas relações universais, se entrega ao cinismo pós-moderno preso ao gozo individual. Segundo Santiago (2001, p. 157), “O atalho cínico para a felicidade não pede, portanto, nem longos discursos, nem conhecimentos, mas um domínio do corpo capaz de evitar os dois maiores inimigos do homem: o prazer e o sofrimento”. Portanto, pode-se dizer que no gozo cínico do toxicômano, não há a participação da fantasia (ou fantasma) e, por conseguinte, do sintoma.

Assim como o gozo cínico, que faz com que o sujeito não busque o Outro (simbólico) para gozar, o mecanismo do fantasma é retido no fenômeno da toxicomania. Sabe-se que o conceito de fantasia é um dos mais importantes na teoria psicanalítica desde Freud, que nos primórdios da psicanálise se deparou com essa nova concepção de realidade no tratamento das histéricas, sendo conhecida no tratamento analítico como “realidade psíquica”.

A fantasia se articula com o desejo que demanda do Outro; há na dinâmica da toxicomania, uma recusa a essa demanda. O objeto de desejo toma forma no real, algo que normalmente não há forma. Então, de que maneira se percebe o inconsciente na dinâmica da toxicomania?

⁷ O mais-de-gozar é um efeito do discurso que o alude, “Ele demonstra, na renúncia ao gozo, um efeito do próprio discurso.” (OLIVEIRA, 2008, p. 3). Lacan definiu o mais-de-gozar a partir da questão da compulsão, a repetição explicitada em Freud.

Como mencionado anteriormente, necessitamos da esfera discursiva para acessar o sujeito do inconsciente, entretanto, sabe-se que o sujeito toxicômano possui uma falha na linguagem no que tange ao (re)conhecimento do sintoma. Muitas vezes, o discurso desses sujeitos, inicialmente, se encontra sem significante, mas não sem sujeito da linguagem, por mais difícil que seja acessar a esse sujeito.

Para Pirlot (2014), o inconsciente do toxicômano se mostra a partir dos sonhos e as famosas *bad trips*⁸ — experiências negativas durante o uso da droga —, revisitando os afetos que haviam sido negados e recalçados pelo sujeito de modo mais intensificado pela droga. Isso faz com que muitos toxicômanos associem o uso aos atos limites e a busca compulsiva pela droga.

Podemos tomar como exemplo uma das internações do personagem. O momento em que Pedro decide ser internado é crucial para o desenvolvimento das suas questões, pois semanas antes ele havia sofrido uma overdose por não saber lidar com o retorno das memórias da morte brutal de seu melhor amigo. Essa cena, em especial, é crucial para elucidar o que abordamos até aqui, pois demonstrou que pela primeira vez o personagem se sentiu escutado e acolhido pelo pai, que o tirou do hospital e cuidou dele como nunca havia feito — remetendo inclusive a uma cena infantil na hora de dar banho nele e o colocar para dormir junto.

Após uma conversa entre eles, Pedro decidiu se internar e tentar mudar. Durante esse período, é mostrado como que ele lidava com os afetos e as lembranças que surgiam. Diferentemente das outras internações, ele dava sentido a essas memórias que surgiam durante a abstinência, fazendo exercícios físicos intensos, escrevendo sobre suas vivências naquele espaço e aprendendo coisas novas, como cozinhar e plantar. Assim, conseguiu ficar um ano limpo e sem se envolver em crimes.

No caso do personagem, este passou a conseguir dar um sentido para as reminiscências que se apresentavam para ele no momento da falta da droga, conseguindo até escrever uma carta para o seu pai, na qual desabafava sobre como se sentia enquanto estava internado, bem como a respeito de suas vivências anteriores à internação e da dificuldade em não recorrer às drogas. E é a partir dessas trocas de correspondência e das posteriores visitas que seu pai passou

⁸ *Bad trip* é um termo em inglês para denominar o retorno de uma lembrança negativa durante o “barato” da droga. Termo bastante usado no meio dos adictos para nomearem o afeto que retornou.

a fazer, que Pedro, apoiado por seu pai, passou a idealizar sua vida pós internação – com a consequente abertura de uma venda de água de coco com o apoio total de seu pai.

Nota-se que algo no discurso de Pedro começou a ser elaborado, pois a partir do momento em que o personagem passou a expressar essas lembranças, nomear o que sentia e ter mais apoio e companheirismo do pai, criou-se um sentido a tudo aquilo que era do campo do insuportável. Ele passou a ter vontades para além do que já tinha vivenciado; em outras palavras, passou a desejar algo, o que o levou a um momento de resgate de linguagem do inconsciente, que, segundo a teoria psicanalítica, se dá quando o sujeito articula a cadeia de significantes com as simbolizações elaboradas, fazendo escoar o significante para os objetos de desejo.

A “cura” pela fala (desejo)?

Quando se fala de cura em psicanálise retornamos a Freud (1893–1895), que logo nas primeiras teorizações, enquanto tratava das históricas, pôde perceber que ao dar voz ao sofrimento delas, aqueles afetos antes recalçados ab-reagiam e encontravam uma nova forma de significação. Pela associação livre, por mais que de início não fizesse sentido, Freud percebeu que ao dar voz a histórica, sem a utilização da sugestão direta pela hipnose, conteúdos latentes poderiam ser alcançados.

Então, como articular o discurso do toxicômano se até o momento sabe-se que o mesmo resiste a sintomatização? Segundo Tarrab (1998, p. 84), “a aposta analítica é fazer que se traduza em termos de saber o que se realiza como gozo”. Sendo assim, a clínica da toxicomania trabalhará com que o sujeito produz. Se nas *bad trips* faz surtir algo do inconsciente, se no momento da recaída há um fragmento de significação, é nesses pontos que o analista trabalhará.

O toxicômano encontra-se em uma relação fechada com o próprio gozo, tendo na droga a possibilidade de mais-de-gozar. Esse funcionamento se dá a partir da representação da função borromeana de Lacan, apresentando-se como “a parte ininterpretável do sintoma.” (SANTIAGO, 2001, p. 12). É a partir da forma nodal que o analista entrará não como suposto saber, mas como possibilidade de furo nessa relação, já que há um real desse sintoma toxicomaniaco.

Então, como tratar a toxicomania na clínica psicanalítica? Dentre os interditos de trabalhar com toxicômanos, o primeiro diz respeito a transferência⁹. O foco é chegar em uma articulação simbólica que opere como função paterna. O analista que se dispuser para a clínica da toxicomania deve estabelecer esse sujeito em uma ordem simbólica que, segundo Lemos (2004), irá cumprir com a castração simbólica, gerando outras maneiras de prazer, de modo que o papel do analista seja de “deslocá-lo de seu gozo no real, jogando-o em devaneios fantasísticos” (LEMOS, 2004, p. 58).

Retornando aos fragmentos da série, em uma determinada cena é mostrada a dificuldade de Pedro em voltar para a rotina fora da clínica de reabilitação. Ao chegar em casa, o personagem vai ao seu quarto, observa tudo e relembra os momentos prazerosos em que esteve com a droga e as memórias afetivas que aqueles objetos remetiam. Entre cortes do passado e a cena presente, nota-se como ainda é angustiante reviver certas lembranças.

A cena continua, e sua mãe aparece e solicita ao filho que compre um cigarro a ela. Ele sai de casa para dar esse “rolé”, o primeiro pós internação. Ao sair, Pedro caminha pela orla, vê pessoas nos bares bebendo e utilizando drogas. Ele tenta se controlar, entretanto, as lembranças tomam seus pensamentos. O personagem se retira do ambiente e liga para o responsável das reuniões dos Narcóticos Anônimos (N.A.), mas por ser tarde da noite, seu companheiro não o atende. Então Pedro diz na caixa postal do seu colega: “É difícil pra caralho voltar!”.

Sem saber muito o que fazer, Pedro decide visitar sua ex-parceira. Ao chegar no apartamento, vê que ela está bebendo e usando drogas com uma outra amiga deles. Em meio a bebedeira, elas oferecem a ele “pó”; ele recusa e todos passam a lembrar os momentos que antecederam essa sua última internação. Algo que serviu de gatilho para que Pedro, já desestabilizado por não conseguir falar com seu padrinho do N.A. sobre o que estava sentindo em seu retorno para vida social, pedisse de volta a droga recusada, retornando ao seu estado anterior de vício e furtos.

Essa cena traz luz à questão principal: a escuta de um sujeito toxicômano remete à dimensão de seus impulsos diante das adversidades do dia a dia. Segundo Pirlot (2014), é papel

⁹ Freud desenvolveu esse conceito em seu texto de 1912 intitulado “Sobre a dinâmica da transferência”. Pontuou que a transferência é o processo psíquico onde o paciente rememora suas relações libidinais amorosas iniciais (algumas conscientes e outras inconscientes) com o analista. Sendo esse processo a força motriz do tratamento psicanalítico.

do analista servir como uma possível rede de apoio. No caso do personagem, ele tentou buscar apoio ao ligar para seu tutor do N.A. e falar da dificuldade de seu retorno, mas como não obteve resposta, ele se deparou com sua angústia perante a situação e por ora se viu à deriva de seus impulsos.

Segundo Nogueira Filho (1999), o campo psicanalítico articula-se com tudo àquilo que chamamos de linguagem. A partir de então, o lugar que o psicanalista ocupa na análise de um sujeito toxicômano é de escutar a sua linguagem particular. Muitas vezes encarecido de simbolizações, o discurso desses sujeitos precisa de uma escuta sem punições e gratificações para que, dentro de seu próprio tempo, uma demanda comece a ser construída. Dito isso, a psicanálise se preocupará em não negar o que tem de singular no sujeito e auxiliará o toxicômano, em análise, a resgatar o encontro com o outro e o sujeito do desejo.

“O fim da liga”: considerações finais

Conclui-se que, a partir do método psicanalítico, pode-se dar escuta a essa forma contemporânea de sofrimento, entendendo que, para além de um rótulo e uma substância, há um sujeito com sua marca e subjetividade. Portanto, é de extrema importância que a psicanálise amplie a clínica junto a esses novos modelos de relação. A série escolhida serviu de aporte para discutir, a partir de uma visão psicanalítica, a relação do toxicômano com a droga e as questões subjetivas envolvidas, saindo do campo usual que trata a droga como o único responsável pela dependência.

Distanciando-se da visão cientificista que classifica a drogadição como um problema estritamente biológico, este trabalho vem na contramão para discutir a importância de se olhar para o fenômeno da toxicomania a partir da ótica do inconsciente, do subjetivo do sujeito. Pontua-se que, para além de um corpo físico, há uma instância pensante, que se configura a partir da interação com o Outro, com o discurso, e essas relações vão permear a vida psíquica e seu modo de experienciar cada vivência.

O fenômeno da toxicomania vem crescendo cada vez mais em nossa sociedade contemporânea. Devido à droga ser algo de fácil acesso, há sujeitos que buscam se relacionar com elas sem o aporte do simbólico, como uma maneira de esvaziar o sentido daquilo que os angustia. Essas substâncias agem com o efeito de descarga afetiva, fazendo com que durante o

uso, o usuário sinte-se completo, gozando consigo mesmo sem a presença da falta e do Outro simbólico, esvaziando-se de maneira física e psíquica daquilo que angústia o seu ser.

Apesar do êxito da droga em afastar, momentaneamente, aquilo que causa angústia, dentro dessa dinâmica há a queda daquilo que chamamos de singular no sujeito, a sua subjetividade. O prazer efêmero gerado durante a “liga”, resultará novamente em angústia ao final, por justamente não passar pelas marcas do simbólico. Com isso, o sujeito se vê assujeitado a uma dinâmica.

Então, o que se defende aqui é o resgate pela passagem do simbólico. Resgatar aquilo que durante certo período o sujeito escolheu negar, entendendo a dinâmica singular de cada sujeito para com esse Outro (droga). Pelo fato da toxicomania ser um fenômeno específico do discurso, o psicanalista que tem em vista trabalhar com essa clínica deve ter ciência do processo longo que corresponde à escuta da história por detrás da condição do toxicômano.

Para finalizar, este trabalho não tem o intuito de esvaziar a discussão do tema, pelo contrário, se apoia em abranger a discussão para além das formas tradicionais de cura, enfatizando aquilo que é o objeto de estudo da Psicanálise — o inconsciente —, buscando contribuir para o debate na área de pesquisa.

Referências

CARNEIRO, Henrique; VENÂNCIO, Renato. **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Editora PUC Minas, 2005.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan. **Psicologia USP**, v. 20, p. 157-171, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000200002. Acesso em: 14 nov. 2021.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2019.

DOM. Direção de Breno Silveira. Produção de Renata Brandão. Intérpretes: Gabriel Leone, Flavio Tolezani, Filipe Bragança. Rio de Janeiro: Conspiração Filmes, 2021. 8 episódios (1 hora). Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0S45ROKTPKOPQ0SZC16WC0BR7T/ref=atv_hm_hom_1_c_cjm7wb_2_4. Acesso em: 21 nov. 2021.

FÉDIDA, Pierre. A Fala e o Phármakon. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 1, n. 1, p. 29-45, jan./mar. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/hkyqnHWnKYVhWrt3BJyJFNm/>. Acesso: 05 jun. 2022.

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. A cura pela fala. **Estudos de psicanálise**, n. 36, p. 165-171, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300016. Acesso: 14 nov. 2021.

- FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2019. V. 1 e 2.
- FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago: 1996. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12).
- FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). In: FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 2)
- FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2).
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GROSSI, Fernando; BAHIA, Idálio; CIRINO, Oscar. **Psicóticos e adolescentes: por que se drogam tanto?** Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania, 2000.
- LACAN, Jacques. Encerramento das jornadas de estudos de cartéis da Escola Freudiana. **Pharmakon digital - A especificidade da toxicomania**, v. 2, p. 15-23, nov. 2016. Disponível em: <http://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- LACAN, Jacques. Kant com Sade. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. “Posição do inconsciente” (1964). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 843-864.
- LACAN, J. O Seminário, livro 23 – **O sintoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006.
- LE POULICHET, Sylvie. **Toxicomanias y psicoanálisis: las narcosis del deseo**. Buenos Aires: Amorrortu. 1990.
- LEMO, Inez. O gozo cínico do toxicômano. **Mental**, v. 2, n. 3, p. 51-60, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200005. Acesso em: 14 nov. 2021.
- MACARY-GARIPUY, Pascale; VICTORIA, Bernard. La toxicomanie dans notre lien social: solitude, déréliction, aliénation. **Psychanalyse**, n. 2, p. 63-73, 2016.
- MIRANDA, Maria Luiza. Toxicomanias: rumo à cura. Onde opera o analista?. In: **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.
- NOGUEIRA FILHO, Durval Mazzei. **Toxicomanias**. São Paulo: Escuta, 1999.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, jun. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/42262>. Acesso em: 14 nov. 2021.

OLIVEIRA, Cláudio. O chiste, a mais-valia e o mais-de-gozar ou o Capitalismo como uma piada. **Revista Estudos Lacanianos**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n1/v1n1a05.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

PARAVIDINI, João Luiz Leitão; DE OLIVEIRA, Luma. A toxicomania como efeito paradoxal do Discurso Capitalista. In: GOBO, Juliano Del. **Psicologia frente ao contexto contemporâneo 2**. Ponta grossa: Atenas editora, 2018. p. 388–416.

PIRLLOT, Gérard. **Psicanálise das Adições**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROUDNESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

SANTIAGO, Jesus. **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

TARRAB, Mauricio. Uma experiência vazia. In: TARRAB, Maurício. **O Brilho da Infelicidade**. Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa Livraria, 1998. p. 82-87.

TÓTOLI, Flávia Costa; MARCOS, Cristina Moreira. Psicanálise e Toxicomania. **Cadernos de Psicanálise**, v. 39, n. 36, p. 125-140, 2017. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952017000100007. Acesso em: 14 nov. 2021.

WERNECK, Marcia Soares da Silveira. **Pulsão de morte e sublimação em Freud e Lacan**. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Recebido em: 03/05/2022.

Aceito em: 30/07/2024.